

Gipsy Punks: o resgate da cultura cigana através do punk rock de Gogol Bordello

Ricardo Ampudia¹

Durante a bienal do Whitney Museum of American Art, em 2002, uma banda performática que misturava ritmos ciganos com punk rock, lançava um manifesto pelas mãos do vocalista Eugene Hütz intitulado “Neo Criativos contra a escória pós-moderna”, conclamando a criação de um novo movimento, um “sindicato transglobal familiar de arte”, em contraposição ao “tudo já foi feito” que os pós-modernos tanto idolatravam.

Para além de uma banda de hardcore performático, Gogol Bordello é um grupo multi-étnico, com um *line up* que inclui um percussionista equatoriano, um violinista russo, um vocalista ucraniano e um guitarrista israelense, todos imigrados para os Estados Unidos.

A temática base de Gogol Bordello é a vida de um jovem imigrante do leste europeu, vivendo nas periferias de Nova York, sob o olhar discriminatório de polícia e sociedade, mas a banda por si só é um resgate das tradições ancestrais no seio da cultura punk pós-moderna. O brado de Hütz no manifesto do começo da década deixa claro que algo novo pode ser criado desde que as fontes sejam revistas.

Dois discos ilustram a ruptura que a banda representa no cenário “punk pop” dos anos 2000, criando uma nova cultura musical que agrega elementos de folclore, ancestralidade com ritmos modernos e subculturas periféricas: *Voi-la Intruder* de 1999 e *Gipsy Punks*, de 2005.

Em *Voi-la Intruder* (Rubric Records, 1999) a imigração é posta em pauta nas canções “Greencard Husband”, onde Hütz fantasia seu casamento com uma chinesa lésbica de 45 anos que precisava de um marido para conseguir o visto de permanência no país e ainda na canção que dá nome ao disco, que ridiculariza o medo do cosmopolita ao avistar uma caravana cigana chegando.

A quarta faixa do disco, “Passport”, usa da crítica punk para contestar a violência policial contra os imigrantes. “Eu consegui um passaporte, seu guarda. Desta vez você não poderá fazer o

¹Ricardo Ampudia é jornalista, autor do livro *Odiados e Orgulhosos: Um mapa da ação e organização dos grupos skinheads no estado do Paraná* e ex-vocalista da banda de punkcrustcore Pútrido Teor.

que quer. Desta você está fazendo apenas o que deve. Desta vez você está fazendo apenas o que tem de fazer” e ainda agride, em tom ameaçador “Onde está seu amigo agora, seu guarda? Aquele magro boa pinta que tirou férias porque matou o meu amigo”.

As tradições dos ciganos do Leste Europeu não aparecem apenas nas representações simbólicas da capa do disco (o machado no primeiro disco e no disco seguinte *Multi Kontra Kulti vs Irony* seguiria o cavalo com flechas), mas também na música “Start wearing purple”, sob as vestimentas festivas das mulheres à procura de um marido.

Essa salada multicultural (ou transglobal, como prefere Hütz) é feita com um tempero muito especial da batida rápida do punk rock, um violão gitano, quase lembrando uma beira de fogueira sob o luar e um violino rápido e agudo, típico da música ucraniana.

Além de música, os integrantes da banda, em especial Hütz, visitam acampamentos ciganos durante as turnês e apóiam um comitê para a questão na União Européia, o *Mishto Project*. “Não fazemos por ironia, fazemos porque é isso que somos, é isso que sentimos”, declara Hütz no manifesto.

O quarto disco, *Gipsy Punks* (Sideonedummy Records, 2005) marca de vez a criação do termo multicultural ou transglobal. A temática da cultura punk se mostra mais presente neste disco, ainda que com traços da ascendência de um Leste Europeu desmontado, como na canção Avenue B “Sentado em uma banheira na Avenue B, não importa o quanto suamos, não podemos concordar. (...) Ninguém aprendeu nada com a História (...) Enquanto Sally brinca com pedrinhas mágicas, Dasha vende armas a rebeldes chechenos”.

A nova cultura criada por Gogol Bordello é uma legítima cultura imigrante: não é cigana, não é rock ‘n roll, mas o fruto de uma geração exilada, cuspidada nas periferias e guetos de Nova York pela crise étnica e política da União Soviética.

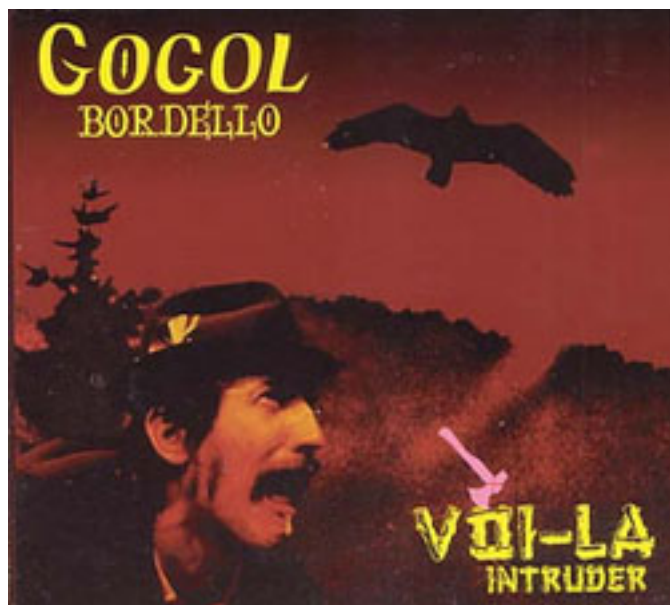
Não se busca a volta à terra prometida, uma nova será construída aqui, pela nova geração, como canta Hütz em “Think Locally, Fuck Globaly”: “Eu vim para NY iniciar uma gipsypunk revolution, agora que está rolando, por que eu simplesmente não volto? (...) Hey chavorale pense localmente. Hey palo mande arrebeunte globalmente”

A preservação da cultura romani – a etnia majoritária entre os nômades europeus (cigano é um termo genérico) – entre os jovens migrantes cria um intercâmbio de bandas novas na linha do GB, como Emir Kusturica and the No Smoking Orchestra, Leningrad e Kocani Orkestar. É o

resgate e preservação da cultura popular cigana, em uma Europa de contrastes, onde se vive o exílio e degrado no próprio país.

“Oh no, Culture revolution just began!!”

Discografia comentada:

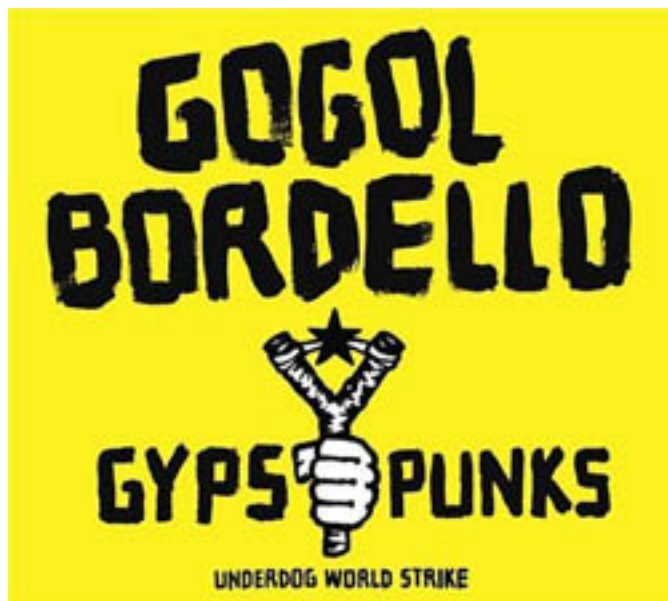


Gogol Bordello

Voi-la Intruder

Rubric Records

1999 (não lançado no Brasil)



Gogol Bordello

Gypsy Punks: Underdog World Strike

Sideonedummy Records

2005 (não lançado no Brasil)

Discografia completa:

Voi-la Intruder, Rubric Records, 1999

Multi Kronta Kulti VS Irony, Rubric Records, 2002

East Infection, Rubric Records, 2005

Gypsy Punks, Sideonedummy Records, 2005

Super Taranta!, Sideonedummy Records, 2007 (lançado no Brasil pela Deckdisc)

Mais informações e músicas:

www.gogolbordello.com

<http://www.myspace.com/gogolbordello>

Notas:

¹ N.doA.: *chavorale* é o mesmo que “criança”, *palo mande*, é algo como “faça por mim”, em romani